

"CUREMOS PERI"

(CARTA ABERTA A MENOTTI DEL PICCHIA)

Mário de Andrade

Dileto companheiro de armas:

Li e reli, entre espanto e pavor[,] o seu projetado assassinato. Apresso-me porém, como bom e sincero amigo, a vir tirar-lhe das mãos o machado carnicheiro. Perdoa-me, não é verdade o crer[:] será machado a arma preferida para a feia ação?... Mas o seu artigo do *Jornal do Comércio* predizia tanto ímpeto e violência tamanha, que não posso imaginar-lhe entre os dedos nervosos o estilete de Petrônio, a navalha de Dom José e muito menos a lança de Klingsor... Há-de ser machado, e machado sem gume... Não há de cortar, amassará.

Realmente o anunciado crime do amigo renova em flamantes frases literárias o conselho que se disse foi dado por Von Ihering... Pois é mau o conselho. Não! Absolutamente não lhe permitirei o assassinio. Inda que, heróico, me tenha de colocar adiante do índio inerme, e receber primeiro, num grande gesto de quinto ato, [o] golpe do "instrumento contundente". Os homicídios, amigo, acarretam quase sempre a morte do algoz. Morte moral que mais acabrunha e nulifica; e pesar-me-ia ver o autor emérito do *Juca Mulato*, mesmo constrangido pelas ambições duma grande glória, trazer nas suas brancas mãos de descendente de raça galharda e azul a mancha penal de Lady Macbeth.

Foi sem dúvida num momento de desmazelo neurastênico que a sua vária e formosa pena ditou aquela crua sentença: "Matemos Peru". Depois de justificar o berro audaz vieram considerações, algumas acertadas e muit[as] injustas. Para estas chamarei agora a atenção do leviano juiz, para que a sua sentença se transforme em outra de maior piedade e cordura.

Primeiramente há uma certa confusão no seu artigo. O amigo ora fala do Peri homem[,] solidão ambulante dos matagais, ora do Peri símbolo, múltiplo fantasma construído de ossos legítimos e mortaldas falsas. Daquele diz que é "vadio, estúpido, inútil", que tem "a tez acapetada, nariz chato, higiene discutível", acrescentando saber disso tudo pelos livros sérios que leu. A estes poderia eu contrapor outros sérios livros onde a verdade não é a mesma. Não me levanto do meu

lugar, para buscar na biblioteca os poucos livros que tenho sobre os nossos índios ou episodicamente informando sobre eles. O meu Roquette Pinto, em primeira edição, pelo seu descompassado volume não tem lugar nos raios da estante e aqui está numa gaveta da secretária. Se o tivesse lido, caríssimo Helios, lá encontraria utilíssimas informações em estilo ameno e grácil. Lá acharia, além de observações próprias, as de outros etnógrafos que desdizem do seu aceite. E eu ainda poder-lhe-ia adiantar que[,] nas tabas "arrasadas na aurora de conquista pela galhardia dos lusitanos"[,] muita imoralidade deslavada e decadência brotou ao roçar dessa mesma ínclita gente de que disse em lindo frasear: "homens que traziam consigo a bravura dos soldados de Ourique e uma civilização que se podia expandir pelos sonhos e realizações da escola de Sagres". Mas V., na sua loira visão de poeta, chega a negar até que os índios tenham contribuído para a formação da nossa sub-raça, ou das nossas sub-raças!!...

Sinto-o mais sonhador e romantizado que esse estudioso e grande Gonçalves Dias, autor de ensaios interessantíssimos e sérios, alcunhado com tanta impropriedade, pelo autor de *Laís*[,] de "ridículo". Ridículo por quê? Porque viveu as tendências da sua época? Porque sonhou, cantou, chorou, transplantando-os genialmente para o nosso meio os mesmos sonhos, cantares e lágrimas dos vates do seu tempo? Não seria melhor pensar com Émile Rayard, que as obras-primas de todas as eras se equivalem, não só pelo que possuem de representativo e de histórico, mas pelo que são como ânsias igualmente valoros[a]s nesta insana porfia em que penamos, todos nós, poetas-crianças, em procura desse passarinho azul, que é a Beleza vária e mutável? Amigo, desassombrado lhe conto que no dia em que li o seu escrito lucrei horas de glorioso lazer relendo "I-Juca-Pirama" e "Os Timbiras". "I-Juca-Pirama", embora Saroléa o desconheça, é mais belo que *Os Natchez*, mais nobre que "Rolla", mais forte que *Hernani*...

E os versos admiráveis produziram-me uma visão. Eu vi a Pátria, de olhos cegados por lágrimas tropicais, tempestuosas e escaldantes, procurar o corpo de Helios, que também se apresenta para as letras pátrias muscuroso e viril como o do índio núbil para as lutas contra a braveza da sombra verde. E ouvi que Ela dizia as palavras do velho tupi: — "Filho meu, onde estás?" Depois

"Do filho os membros gélidos apalpa,
e a dolorosa maciez das plumas
conhece, estremecendo:.....

"Tu prisioneiro, tu? — Vós o dissestes.

— Dos índios? — Sim — De que nação?"¹

V. ataca, e toda a razão lhe dou, o nacionalismo apertado de muita gente que só vê arte onde o caipira claudica num português desmanchado e sem mais sombra de latim.

Há nacionalistas, caipiristas seria o termo, encerrados nesse ambiente de dez palmos.

(1) Versos 244, 271-273, 291-292 da parte VI de "I-Juca-Pirama", de Gonçalves Dias [V.D.].

Mas se nessa restrita periferia já frondejou peroba feracíssima, a extensão ilimitada dos plainos literários, artísticos, sociais, em vez duma árvore produzirá dez mil.

Se o horto mínimo deu flores de cacto, de colorido flamante como "Buriti perdido", se já nos ofertou Jacarandá como "Chóo-Pan", se já nele se encerrou a canícula úmida do *Inferno Verde* onde rescendeu a baunilha de *Iracema*, não há dúvida que o vasto parque de todas as tendências do pensamento humano, para mais flores, para mais árvores e para mais estações apresenta local imenso a desimpedido. Mas essas tendências estreitas não são mal incurável. Peri, que é delas o símbolo imaginado pelo sonhador de *Moisés*[,] não merece a morte. Bem tratado, livre de barbeiros e do casinhoto sujíssimo, reviverá em melhor e mais alegre vida, terá forças para o bem e para as guerras; quando morrer de morte natural, aos 110 anos duma vida fecunda, cantando o trenó de morte, que antes será epinício de vitória ou ditirambo de trabalhos audazes, irá viver para além dos Andes a glorificação do respeito universal. Curemos Peri! Lembremo-nos de que o nacionalismo está também na observação das cidades e que Machado de Assis, mestre que Saroléa talvez desconheça também por ignorância ou leviandade, é tão nacionalista observando homens e costumes do Rio como Monteiro Lobato, como Alcides Maia, como Afrânio Peixoto ou como o grande Euclides. Apenas plantou noutra jardim. Reconheçamos antes, sem otimismo deslumbrador e despropositado[,] que não temos, como diz o poeta[,] fibra de audácia "reveladora de novos horizontes e de novas conquistas", que não "transmigram para cá todas as esperanças e aspirações do universo"[,] que nenhuma "covardia moral nos tem prejudicado as afirmações da nossa personalidade" e que a observação das nossas pequenas mas nobres tradições e o enaltecimento delas não são "tabiques sentimentais que formam a represa de papelão duma raça formidável, que quer espalhar as suas forças em cem campos de atividade violenta nova"². Somos povo como muitos outros, quiçá inferior a muitos outros, sem por enquanto termos mostrado qualidades excepcionais. Há possibilidades de formação duma grande gente mas não o povo imenso e formidável sonhado pelo vate. Que nos impulsione moral sadia e confiança e seremos o que nos compete ser. Se crescermos naturalmente, um pouco mais naturalmente do que o fazemos, se os nossos governos se iluminarem em direções enérgicas e virtuosas, se abrirmos com capricho, mas cuidado, os braços ao estrangeiro portador de mais músculos e de ambições admissíveis, se principalmente seguirmos a traça aberta em sangue e suor pelos maiores que há muito andam esquecidos no mar dos nossos lazeres modorrados pelo mormaço, seremos um dia uma aglomeração mais uniforme, mais viril, mais povo enfim e poderemos então endireitar no caminho da gente grande, e tomar assento que ninguém ousará discutir nessa "Sociedade das Nações" despretensiosa e sem criador norte-americano: a basílica que sempre existiu, dos povos fortes, altivos e

(2) Todos os trechos são citações de "Matemos Peri!" [V.D.].

verdadeiramente livres. Então dirigemos [sic] de mãos dadas com outros. Por enquanto solidifiquemos a liberdade já secular e cada vez mais vacilante em quase todos, ou todos os terrenos. Mas para tanto, o assassinio de Peri não só será inútil mas contraproducente. Não temos liberdade moral porque o Peri orgulhoso que foram os Camarões, os Bandeirantes, os Caxias, os Pedros Segundos foram assassinados pelos pandilhas da governança republicana. Não temos literatura brasileira porque o Peri sincero que foram os Vicentes do Salvador, os Gonçalves Dias, os Machados e os Ruys foram assassinados pelos que sofrem[,] no Brasil luminoso e tempestuoso, doçuras silenciais de lagos de Como e outonos mórbidos de Paris. Não temos escultura nacional porque ao invés de estudarmos os imaginários baianos, os trabalhos sublimes do Aleijadinho, (que o amigo insultou horrivelmente) as obras de Valentim, de Chagas e de tantos outros, transplantando para o Brasil os esforços que glorificaram Mestrovic reproduzindo as obras do passado pátrio[,] Karl Millés copiando os baixos-relevos escandinavos, Bourdelle inspirando-se nas esculturas românicas que exornam o solo de França, vamos à Europa, copiar Canovas que jamais darão lugar a obras brasileiras.

A música, assassinados [sic]³ Peri, não estudando com mais apuro os nossos ritmos e as nossas melodias, como o fizeram para a Rússia o grupo dos Cinco, para a Espanha Albeniz, Manuel de Falia, Granados, para a Itália Landino, Monteverdi, Malipiero, para França Debussy retomando a orientação dos cravistas do século XVIII, para as nações germânicas Schubert, Weber, Schumann, Wagner ou para os países tchecos Frederico Smetana. E em todos os ramos da nossa atividade o que se dá é mais ou menos isso. Devemos, é certo, conhecer o movimento atual de todo o mundo, para com ele nos fecundarmos, nos alargarmos, nos universalizarmos; sem porém jogarmos à bancarrota a riqueza hereditária que nos legaram nossos avós. A doença do Peri é curável, desde que vejamos com mais realidade os passos da vida e com amor mais produtivo a imagem da pátria. Depois da operação de catarata que o cega, depois dum bom e farto jantar, dum banho perfumado de manacás, numa vida de conforto e mais higiene, Peri será outro e poderá ostentar a sua cara original e expressiva por quanta via, calle, strazze, street ou impasse haja nas babilônias do velho mundo. Que se riam os loiros! Mostrarão tão-somente ignorância burguesa e a sinceridade um pouco tola daquele belga já agora conhecido de brasílicos. Tenho a certeza de que o amigo ainda fará a sua viagem à Europa de mãos dadas com Peri. Entendamos Peri! amigo Menotti, curemos Peri!

(3) Houve algum lapso no original [V.D.].